

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



A Esperança na perspectiva da Teologia Pós-Moderna da Revelação do Fim dos Tempos

Ailto Martins¹

INTRODUÇÃO

A lógica da rivalidade se fundamenta no processo da violência. Por isso, uma interpretação da ideia de revelação deve ser construída tendo como base o contexto da própria razão pós-moderna, com suas objeções e críticas, principalmente o que se refere ao caráter mimético do desejo. Ainda, se faz necessário refletir sobre a questão da justiça retributiva das vítimas da violência. Assim, a revelação divina deve desconstruir a razão dominante que provoca a rivalidade e, conseqüentemente os atos de violências.

Os atos de gratidão dos justos da humanidade por meio do amor de doação traz uma ação redentiva na história violenta dos seres humanos. Desse modo, ocorre um dinamismo da subjetividade,² que permite a redenção das pessoas envolvidas nesse processo e, por conseguinte, reverte à questão da rivalidade nos bastidores da violência e sinaliza um caminho para a mudança na sociedade. Portanto, a redenção dos sobreviventes passa pela formação da memória ditosa de sua entrega. Dessa maneira, permite superar o ressentimento e a rivalidade mimética sacrificial.

A presente pesquisa analisa e sintetiza a esperança na perspectiva da teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. O estudo conta com dois capítulos. O primeiro capítulo “as potências das experiências na perspectiva do crucificado” busca compreender os justos da história em sua experiência de doação extrema, na sua plenitude, que percebem em Jesus de Nazaré como verdade para a salvação. De tal

¹ Doutor em Teologia – (PUC/PR). Professor da Faculdade Refidim. Coordenador de Extensão. Email: ailto@ceeduc.edu.br.

² Subjetividade é um substantivo feminino que tem origem na junção de duas palavras do antigo latim: subicere (colocar sob) e jacere (jogar, atirar), produzindo subjectivus, que tinha o significado de jogar algo embaixo de alguma coisa. Usamos o termo subjetividade para definir o que é próprio de cada pessoa, de seu pensamento e de seus sentimentos. A subjetividade varia de acordo com os conceitos que cada pessoa possui, o que lhe permite ter opinião própria sobre assuntos que lhe são colocados. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/subjetividade>>. Acesso em 28.08.2017.

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



modo, por meio do crucificado nazareno se desenvolvem as potências da subjetividade vulnerável, enquanto dimensões do desejo não violento, de uma memória redimida e de uma imaginação escatológica do fim dos tempos.

Já no segundo capítulo da pesquisa “as virtudes teologais que procedem da vítima perdoadora” proposta por James Alison. O estudo recai sobre a vida teologal através a tríade fundadora: fé, esperança e amor. De acordo com o pensamento Carlos Mendoza Alvarez, a pesquisa apresenta a interpretação da vida teologal enquanto dinamismo antropológico-teologal: a fé como desapego amoroso, a caridade como doação amorosa radical assimétrica de uma existência recebida de Deus inefável junto dos outros e, especificamente, à esperança como memória prospectiva da vítima perdoadora. A partir desse estudo pode se constatar a relação existente dos dois eixos ou capítulos, o antropológico pós-moderno e o teologal cristão, o qual pode apresentar uma teologia da revelação que consiga conciliar e abraçar a razão e, simultaneamente, a verdade do amor incondicional de Deus por sua criação manifestada em sua plenitude em Jesus de Nazaré.

1. AS POTÊNCIAS DAS EXPERIÊNCIAS NA PERSPECTIVA DO CRUCIFICADO

O eixo antropológico da pesquisa se fundamenta nas potências da experiência. Alvarez (2016, p.336) trabalha esse conceito dentro do escopo da subjetividade vulnerável, que em síntese “se reconhece capaz de uma mudança de mundo somente a partir da memória das vítimas e da instauração de relações de gratuidade no complexo âmbito intersubjetivo: interpessoal, social, econômico, político e simbólico”. Em outras palavras, tais preposições refletem que essa transformação é possível por via das subjetividades expostas com relação à alteridade, baseada no amor de doação.

Quando se analisa as potências das experiências na perspectiva do crucificado, essas subjetividades baseadas na vida do nazareno tende a desconstrução do entendimento egoísta e narcisista do desejo, da memória e da imaginação do fim dos tempos. Alvarez (2016, p.337) propõe desconstruir essas potências, e logo em seguida sinalizar caminhos para a mudança e, conseqüentemente, propor a luz da

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



revelação, uma nova maneira de olhar essas dimensões. Assim, o autor apresenta antes de falar da desconstrução do desejo, cita a contribuição significativa da reflexão filosófica e teológica dessa dimensão, por meio dos ecos do pensamento clássico sobre o desejo.

Com objetivo de recuperar o sentido mimético do desejo enquanto doação vista a importância desse conceito como chave de interpretação da subjetividade e da intersubjetividade nos tempos pós-moderno, Alvarez (2016, p.358) fala das duas vias diante do contexto da modernidade em crise para a desconstrução do desejo, a saber, o erotismo e a doação. No entanto, Alvarez (2016, p.354) chama a atenção para a aproximação fenomenológica, “o erotismo torna possível a apercepção do ser precisamente como incessante ato de doação sem nunca ser esgotado.” Nesse sentido, o próprio ser é doação pura, em um procedimento intenso de superabundância de vida amorosa.

Ainda, em outra ordem de reflexão Alvarez (2016, p.354) examina quando o desejo se torna rivalidade e sacrifício, o qual analisa o desejo em uma perspectiva narrativa e histórica. Esse método possibilita compreender “[...] a importância capital do desejo a fim de desentranhar os mecanismos de rivalidade que subjazem na hominização e que dão origem à cultura” (ALVAREZ, 2016, p.354). As sociedades primitivas e modernas passaram pelo processo de sobrevivência e de estabilização, com suas vítimas de sacrifícios. Diante disso, o conteúdo mimético da revelação realizada por Cristo, por meio de sua páscoa radica na relação amorosa com Deus a solução para o enigma da violência através do seu próprio sacrifício. No tocante a este ponto, o Crucificado cria a possibilidade do desejo mimético de doação com um potencial universal para as culturas e sociedades.

O desejo “[...] é o primeiro dinamismo da subjetividade desconstruída e indício de uma versão pós-moderna do homem, como dimensão constitutiva da pessoa como um ser” (ALVAREZ, 2016, p.359). Contudo o desejo sem memória pode se perder no esquecimento. Diante disso, Alvarez comenta:

É fundamental relacionar o desejo na experiência da memória. Essa potência é outra dimensão da subjetividade que, nos tempos pós-modernos, é preciso considerar atentamente para dar razão do ser em relação que recebe,

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



acolhe, provoca e mantém viva a revelação divina, ao longo da história violenta da humanidade, como uma promessa que oferece esperança para todos (ALVAREZ, 2016, p.362).

A memória possui uma grande virtude, visto que é o dinamismo fundamental da subjetividade, que se constitui alicerçada na rememoração do pensamento. Alisson (2011, p.141) descreve a importância do insight da vítima, disponível depois da morte de Jesus. Esse insight permitiu a recordação das testemunhas apostólicas e, conseqüentemente, a releitura da experiência deles com Jesus a luz da nova compreensão do Evangelho.

O ser humano tem facilidade de esquecer-se de sua própria história. A respeito disso Alvarez (2016, p.361) descreve a complexidade da memória trazendo para o debate o pensamento de Santo Agostinho de Hipona, que fala da rememoração de Deus. Ainda cita Paul Ricoeur, que foi um dos filósofos modernos que melhor deu razão do processo da memória, o qual à contribuição da revelação cristã recordou a constituição da memória ditosa que seria a melhor expressão da memória apaziguada. Ainda, sobre as potências de experiência da subjetividade redimida, Alvarez (2016, p.363) aborda a questão da memória em três sentidos principais em conformidade ao dinamismo do desejo: a construção da interioridade, as narrativas da marginalidade e os processos de libertação do ressentimento. Diante disso, cabe sintetizar essas preposições, a qual é possível construir o perdão diante de uma história violenta. “Para isso, a teologia pós-moderna do perdão enfrentará o grande desafio de integrar em seu horizonte narrativo a dimensão da memória ditosa das vítimas e de seus sobreviventes” (ALVAREZ, 2016, p.385).

A imaginação criativa se apresenta como a terceira dimensão da subjetividade pós-moderna. Imaginar uma mudança no mundo só é possível graças “[...] à memória das vítimas desdobrada por uma potência performativa através da imaginação como conhecimento antecipado do futuro desejado” (ALVAREZ, 2016, p.385). Esse aspecto evidencia a importância capital da imaginação como conhecimento e antecipação escatológica. Assim Alvarez (2016, p.387) propõe para dar significado a razão da imaginação, como mudança de mundo num sentido

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



hermenêutico, para isso o autor expõe três elementos constitutivos do processo prospectivo de conhecimento do real intersubjetivo: a ³poiesis, a profecia e a imaginação escatológica. Pode-se considerar que a obra do poeta e do profeta vem acompanhada de uma alteridade inefável, os quais são protótipos da imaginação criadora. Já a imaginação escatológica surge como uma potência da subjetividade desconstruída que se sabe finita, conflitante e radicalmente insuficiente. Contudo, que no seio dessa desolação se reconhece habitada por um verbo vivo que procede de algum tipo de exterioridade que redime a partir de sua alteridade.

2. AS VIRTUDES TEOLOGAIS QUE PROCEDEM DA VÍTIMA PERDOADORA

Com as três dimensões da subjetividade pós-moderna: desejo, memória e imaginação escatológica exposta até este momento da pesquisa, surgem à possibilidade de avançar um pouco mais no estudo, com objetivo de compreender os traços constitutivos da revelação que acontece na vida teologal⁴. Um dos principais elementos fundadores da fé cristã em sua articulação pós-moderna é a esperança. Ela une às outras virtudes teologais em seu dinamismo intrínseco. Pensar essas virtudes teologais como a realidade última suscita no cenário da história de maneira principal e plena a pessoa de Jesus de Nazaré, “[...] profeta escatológico morto e ressuscitado, como experiência de doação que acontece de maneira incoada em todos os justos da história” (ALVAREZ, 2016, p.407). Diante disso, não se deve descrever este aspecto funcional de vida cristã, por meio de um modelo apologético de revelação única, mas,

³ Como processo de conhecimento antecipado do real, a imaginação como poiesis é sempre um projeto inacabado, próprio da linguagem e da condição finita do ser humano, pois ambos estão intimamente ligados ao devir da existência como subjetividade aberta à intersubjetividade no seio da história. ALVAREZ, Carlos Mendoza. **Deus Ineffabilis**: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016, p.396.

⁴ A vida teologal é um acontecimento originário pela subjetividade como gratuidade amorosa que procede do Deus inefável, no qual se desdobram novas potências de experiência para a condição pós-moderna. É uma concreção histórica que alcança todos os seres humanos na diacronia da história por meio dos justos e dos inocentes em seus atos de doação. ALVAREZ, Carlos Mendoza. **Deus Ineffabilis**: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016, p.406.

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



sobretudo, em qualquer experiência de gratuidade radical. No tocante a esse ponto pensar na tripla aproximação fenomenológica, mimética e desconstrucionista torna-se fundamental para a análise das virtudes teológicas.

Para a análise dessas três virtudes teológicas se faz necessário perceber o lugar antropológico onde ocorre a revelação do mistério do amor incondicional de Deus. Diante da experiência que procede da vítima perdoadora. Alvarez (2016, p.409) inicia a análise trazendo o olhar para a fé como desapego amoroso. Essa fé desapegada se apresenta como um conhecimento de Deus sem imagem, porém habitada por uma presença amorosa do ser divino. Tal experiência silenciosa da presença divina é vislumbrada somente no conteúdo da contemplação. Ao tratar dessa virtude Alvarez (2016, p.410) destaca a vivência da fé suscetível de ser vivida pelas subjetividades pós- modernas anelantes de uma mudança, onde todos os seres caibam. Diante disso, salienta “[...] a experiência de fé desprendida, no apego das mediações, arrojada ao abismo do ser superabundante divino” (ALVAREZ, 2016, p.409). Por fim o autor trata de descobrir a potência de uma fé teologal em três momentos: a fé habitada pelo invisível do conhecimento, a fé animada pela confiança sem apoios e a fé inspirada pela verdade do amor.

A fé teologal deve ser a revelação mais concreta do amor. A caridade por meio de gestos de gratuidade redime de sua contradição e de sua espiral rivalidade, passando do ressentimento à doação, diante do mais importante ato de amor que se encontra na história de Jesus de Nazaré. Para discutir a virtude teologal da caridade Alvarez (2016, p.406) sugere a desconstrução do protagonismo autocomplacente. Para isso, propõe três estágios de instauração da temporalidade messiânica pela vivência do ágape⁵, a saber: da indigência do amor – fala da força que procede dessa virtude; da insuficiência do compartilhar – relaciona com o gesto messiânico da partilha; do incerto dom que muda o mundo – a expressão desse dom na aposta da

⁵ Ágape significa amor, é uma palavra de origem grega. Ágape pode ser o amor que se doa, o amor incondicional, o amor que se entrega. O expressão ágape foi usada de várias maneiras diferentes entre os gregos, em passagens da Bíblia, em cartas, em correspondências entre amigos, era usado, da mesma forma que nos dias de hoje, se usa no início de um texto a palavra "prezado". Disponível em: <<https://www.significados.com.br/agape>>. Acesso em 28.08.2017.

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



mudança de mundo como plenitude do tempo kairológico, à imitação do desejo originário do Abba⁶ de Jesus.

O desafio da virtude teologal da esperança se constitui em aprender a esperar. Deste modo, quando esperar significa contrair o tempo? A contração do tempo é possível tendo em vista “[...] a temporalidade messiânica, depurada de suas utopias sócio-políticas modernas, é retida a partir dos movimentos de vítimas de baixo e do reverso da história” (ALVAREZ, 2016, p. 423). Esse aspecto evidencia o início de uma mudança de mundo graças à entrega compassiva dos justos pelas demais vítimas. Alvarez (2016, p.424) descreve as fases do processo de contração do tempo que os justos vivem, com objetivo de compreender a estrutura básica da esperança cristã nos tempos pós-moderno. Fala de três momentos constitutivos, a saber: a espera diferida – discute a postergação da espera como condição sem qual não será possível falar de esperança; desconstruindo a história violenta – destaca a potência desconstrutiva da violência da história que os justos vivem pelos atos de gratuidade; o tempo dos justos – discute a espera em relação à paciência messiânica, a consumação da história graças à vida dos justos.

Diante da desesperança da pós-modernidade a teologia deve ser contextual. No tocante a esse ponto Alvarez destaca:

A teologia fundamental na idade da razão pós-moderna deve dar conta da esperança possível no contexto do colapso de um modelo moderno de civilização, derivado tanto do cristianismo como da cultura ocidental greco-romana (ALVAREZ, 2011, p. 249).

Um aspecto interessante que jamais poderá ser esquecido envolve a revelação divina que não pode ser colocada fora do marco da subjetividade frágil pós-moderna, que abre espaço para as potências das experiências e as virtudes teológicas da vida cristã. A respeito disso Alvarez (2016, p.423) fala com efeito da esperança na consumação da história, segundo a revelação de Jesus, que implica uma dupla afirmação teológica. Por um lado, a denúncia do fim do mundo corrupto. Mas por outro lado, tal revelação é um aspecto afirmativo e salvífico, um anúncio prospectivo

⁶ Aba Pai é uma expressão bíblica derivada do termo com origem no aramaico “ábba” que significa “o pai” ou “meu pai”. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/aba-pai>>. Acesso em 28.08.2017.

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



da instauração da morada de Deus com a humanidade.

O autor James Alison (2011, p.139) fala vítima perdoadora destacando o pecado original à luz da ressurreição, a qual traz a ideia da imaginação escatológica, por meio da esperança. Apresenta a inteligência da vítima na pessoa de Jesus e seu relacionamento com o Deus-Pai, que provoca uma mudança na compreensão humana. Esse entendimento radicalmente novo sobre a vida e os relacionamentos humanos. Assim, o Jesus crucificado e ressuscitado permite uma releitura completamente nova sobre sua vida e sua morte, ao qual leva os apóstolos assumirem o papel sem qualquer mérito próprio de testemunhas vivas, baseados na esperança da ressurreição da vítima perdoadora. Cabe ainda destacar que de acordo com Alison (2011, p.141-142) o testemunho apostólico implica na constatação sobre o quanto Jesus abriu o campo da imaginação escatológica, o que gerou uma esperança muito forte. Contudo, em vez de encorajar uma dissociação com a história, pelo contrário, encoraja a construção de uma nova forma de viver o tempo. Assim a vítima perdoadora em sua história oferece o perdão aos seus opositores violentos, e simultaneamente, as vítimas das violências podem ser libertadas de seus medos e sofrimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto na pesquisa, as dimensões das potências referentes às experiências na perspectiva do crucificado tende a desconstruir a concepção egoísta e narcisista do desejo, memória e imaginação. Cabe destacar que esse processo de mudança se estabelece por meio dos justos e inocentes em seus atos de doação sobreviventes da violência e da vítima perdoadora. Assim, o crucificado nazareno proclama as potências da subjetividade vulnerável, transformando essas dimensões na vida dos justos e inocentes em: o desejo não violento, uma memória redimida e uma imaginação escatológica do fim dos tempos.

As virtudes teológicas que procedem da vítima perdoadora, se encontra na fé como desapego amoroso, a qual trata de um ato espiritual, diante dos silêncios dos inocentes pautada a uma alteridade amorosa enigmática, imanente e transcendente

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



na vida dos justos e sobreviventes. Assim a fé pressupõe um rebaixamento do ego e, conseqüentemente, uma abertura para a alteridade. A caridade é um dom incerto, visto o ato gratuidade por parte de Deus, diante da subjetividade da vida teologal, desconstruída de sua vontade de domínio e revelada como o vínculo da perfeição. Já a esperança estabelece as bases para a imaginação escatológica baseada no perdão da vítima perdoadora, que por meio da sua ressurreição traz esperança para as vítimas e os sobreviventes das violências.

A pesquisa traz uma boa contribuição para a teologia pós-moderna, marcado pelo diálogo entre os teóricos a respeito da teologia fundamental com ênfase na esperança, com o qual se procurou abrir novos horizontes teológicos para todos aqueles que atuam nesta área do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALISSON, James. **O Pecado Original à Luz da Ressurreição**: a alegria de descobrir-se equivocado. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

ALVAREZ, Carlos Mendoza. JOBIM, José Luis. GALLARDO, Mariana Mendéz. **Mimesis e Invisibilização Social**: a interdividualidade coletiva latino-americana. São Paulo: É Realizações, 2016.

ALVAREZ, Carlos Mendoza. **Deus Ineffabilis**: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016.

ALVAREZ, Carlos Mendoza. **O Deus Escondido da Pós-Modernidade**: desejo, memória e imaginação escatológica. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna São Paulo: Realizações Editora, 2011.

DISPONÍVEL EM: <<https://www.significadosbr.com.br/subjetividade>>. Acesso em 28.08.2017.

DISPONÍVEL EM: <<https://www.significados.com.br/agape>>. Acesso em 28.08.2017.

DISPONÍVEL EM: <<https://www.significados.com.br/aba-pai>>. Acesso em 28.08.2017.